

ARTÍCULOS  
ARTIGOS  
ARTICLES

# SUBJETIVIDAD Y SOBREMERNIDAD

## SUBJETIVIDADE E SUPERMODERNIDADE

### SUBJECTIVITY AND SUPERMODERNITY

Delicia Ferrando  
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica  
ORCID: 0009-0000-3278-5189  
Correo electrónico:dferrando10@hotmail.com

Fecha de recepción: 1-05-2024  
Fecha de aceptación: 20-05-2024

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Ferrando D. (2024) SUBJETIVIDAD Y SOBREMERNIDAD  
Intercambio Psicoanalítico 15 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.1.2/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# SUBJETIVIDADE E SUPERMODERNIDADE

Delicia Ferrando<sup>1</sup>

---

1 Antropóloga Social pela Universidade Nacional de Trujillo, UNT; Demógrafa do Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia, CELADE; Psicoterapeuta Psicanalítica do Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima, CPPL; especializada em adolescentes e adultos; casais e famílias. Membro da Associação de Psicoterapia Psicanalítica, ADPP; a Sociedade Peruana de Psicoterapia Psicanalítica de Casais e Famílias, SPF e a Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica, FLAPPSIP.

## Introdução

A reflexão proposta nestas páginas é sobre como nos constituímos emocionalmente em uma era marcada por transformações profundas e rápidas que impactam de diferentes maneiras as comunidades e os indivíduos. A supermodernidade não afeta a todos de maneira uniforme; as respostas a essas mudanças são tão variadas quanto os contextos culturais e individuais nos quais a vida das pessoas se desenvolve. Essa variabilidade na experiência significa que há várias maneiras pelas quais os espaços em transformação causam impacto na vida das pessoas e como elas se acomodam, resistem ou se reinventam. Tudo isso reflete a riqueza e a complexidade da subjetividade humana.

## Subjetividade

Para a psicanálise, a subjetividade é a realidade interna e única do indivíduo; é sua essência, algo como sua identidade psíquica. Portanto, não há duas subjetividades iguais. Também se pode dizer que é a maneira intrínseca e pessoal pela qual alguém percebe, interpreta, valoriza, interage e internaliza uma questão, ideia, pensamento ou cultura. Ela é construída por um amálgama de experiências passadas, relacionamentos, desejos, medos e fantasias, por meio de uma interação entre o eu consciente e as forças inconscientes que definem as emoções e moldam a personalidade.

O ser humano é essencialmente um ser social, que estabelece vínculos e relacionamentos em diferentes espaços e ambientes: família, tribo, aldeia, vila, cidade, país, bairro, clube, escola, universidade etc. O que acontece nesses grupos tem o poder de impactá-lo.

Assim, como a subjetividade é a internalização do externo, ela é estruturada e moldada por meio de vínculos. A subjetividade não é possível sem um outro. Desde os primeiros momentos de vida, o bebê e sua mãe (ou quem a substitui quando ela está ausente) formam uma díade de vital importância para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do bebê e também para a conformação e organização de seu aparelho psíquico. Essa primeira experiência de vínculo e apego precoce apóia a construção da noção do eu e do outro, estabelecendo um padrão para futuros vínculos e relacionamentos. Vários autores contribuíram para enriquecer a compreensão da subjetividade, destacando sua natureza intrinsecamente relacional. Jaroslavsky (AEAPG, 2006) vê a subjetividade como um processo de individuação. Ele enfatiza que ela é configurada e reconfigurada na interação relacional, marcando a singularidade do indivíduo por meio de sua capacidade de narrar e re-narrar sua história pessoal em interação contínua. Essa ideia é complementada por Käes (AEAPG, 2006), que se aprofunda na subjetividade como uma construção sustentada pelo impulso, pela fantasia e pela relação de objeto. Käes aponta que a subjetividade emerge da interação dinâmica entre o corpo, o desejo e a teia de laços emocionais e representações compartilhadas, que forjam a singularidade do sujeito em seu diálogo com a alteridade. Maruottolo (2016), por sua vez, acrescenta uma dimensão

social ao conceito, argumentando que «... a subjetividade é o campo da dimensão social incorporada ao aparelho psíquico ampliado, onde o sujeito é vitalmente constituído como sujeito à Outro, emergindo desse campo psíquico do Nós”.

A subjetividade é, portanto, um fazer coletivo, uma construção social dinâmica do indivíduo dentro de uma família e de uma comunidade. Ela assimila a cultura de ambos: mandatos e proibições, conhecimento, códigos de relacionamento, normas, leis, costumes, mitos, tradições, etc., em vigor em uma sociedade ou em um setor dela em um determinado momento. Tudo isso molda sua maneira de pensar e agir; portanto, a subjetividade muda com o tempo e com a sociedade à qual o sujeito pertence.

### **Supermodernidade**

O mundo de hoje está passando por uma era que o antropólogo francês Marc Augé (2000) chama de supermodernidade, uma fase que expande e complexifica os pilares da “modernidade clássica” que surgiu entre os séculos XVIII e XIX. A supermodernidade é caracterizada pelo surgimento na Europa de um novo paradigma baseado no racionalismo, na autonomia individual em face dos valores tradicionais e na consolidação de instituições estatais que promovem os direitos e as liberdades fundamentais. Junto com tudo isso, aspectos da modernidade, como a afirmação do eu, a aceleração da mudança histórica e a ampla dominação do espaço são intensificados, refletindo um mundo que continua a evoluir em um ritmo vertiginoso.

A supermodernidade é caracterizada por hiper-realidade e simulacros (levando ao desaparecimento do autêntico), aceleração, consumismo excessivo, globalização e individualismo, fragmentação e diversidade. Para Augé (2000), a supermodernidade inclui o resgate da superabundância de eventos que corresponde a uma situação cuja modalidade essencial é o excesso (p.36): de tempo, espaço e ego, segundo o autor. A primeira tem a ver com a dificuldade de entender como percebemos o tempo e como o usamos. Ele critica a noção acelerada de tempo e reflete sobre a dificuldade de pensar sobre o tempo hoje para explicar a superabundância de eventos (Cuellar, 1996). A segunda figura de excesso da supermodernidade é o espaço. Augé trabalha com a ideia do “encolhimento do planeta”, ou seja, de mudanças de escala: imagens de todos os tipos, a conquista do espaço, a possibilidade de ver pelas redes eventos simultâneos ocorrendo em qualquer lugar graças à realidade virtual (Augé, 2018). A terceira figura de excesso da supermodernidade é o ego, o indivíduo que retorna (mesmo na reflexão antropológica como produtor individual de significado) a universos sem territórios, a espaços em lugar nenhum que medeiam o a priori e o a posteriori (Cuellar, 1996).

Com relação à hiper-realidade como uma qualidade da supermodernidade, Baudrillard, J. (1990), destaca que ela representa a dificuldade da consciência em distinguir a realidade de uma simulação dela, de modo que o objeto é substituído por uma construção artificial dele mesmo, ou seja, por sua imagem apresentada como uma realidade mais atraente e sedutora, em uma espécie de realidade aperfeiçoada. Por exemplo, a tecnologia Audio

Presence do Reality Labs (Meta) possibilita a geração de sons que são praticamente indistinguíveis da realidade, como parte da experiência de realidades virtuais ou aumentadas. E, mais de perto, as plantas artificiais amplamente utilizadas, cuja extraordinária semelhança com as plantas naturais nos faz confundi-las.

Augé (2009) também diz que esta é a era dos paradoxos: globalização e padronização versus reivindicações de identidades locais; homogeneização versus diversidade; cidades e avanços tecnológicos que encantam e desencantam. Um exemplo dos paradoxos mencionados por esse autor é a natureza e o uso das redes sociais na era digital, que foram criadas para conectar as pessoas. De fato, elas possibilitam uma interconexão global extraordinária, facilitando a comunicação e o intercâmbio cultural em grande escala; mas, por outro lado, essas mesmas redes podem levar a uma desconexão emocional e social no mundo real que, muitas vezes, resulta em uma sensação de isolamento e despersonalização. Os indivíduos que vivem em um ambiente virtual hiperconectado diminuem suas interações face a face e diminuem sua capacidade de interação ao vivo em detrimento da qualidade dos relacionamentos humanos. Essa ambiguidade reflete o paradoxo do mundo, simultaneamente unido e fragmentado por uma tecnologia que une e desune, que conecta e desconecta.

As intensas transformações pelas quais a humanidade está passando não têm precedentes. No passado, elas costumavam ser discretas, dando a ideia de que a vida permanecia ancorada. As gerações passavam por geografias imutáveis (ou ligeiramente mutáveis) cujas populações se relacionavam entre si em padrões convencionais ou clássicos. A velocidade e a persistência das mudanças podem gerar sentimentos de instabilidade, precariedade e incerteza sobre o presente e o futuro na vida das pessoas, criando um clima de desconfiança e insegurança.

As mudanças incluem deslocamentos humanos que desenham um mapa demográfico do mundo em permanente mudança. As migrações internas e internacionais estão se intensificando (sobrepondo-se aos fatores clássicos de crescimento populacional: nascimento e morte), e não necessariamente em busca de melhores condições de vida (acadêmica, emprego ou refúgio contra desastres naturais), mas sim para fugir de guerras, crises políticas ou colapso econômico.

As cidades que se urbanizam rapidamente enfrentam um desafio de gerenciamento. A demanda por moradia e outros serviços básicos (saúde, educação e transporte) supera a capacidade da infraestrutura existente. Isso resulta em superlotação, poluição e pressão sobre os recursos naturais, além de um agravamento das desigualdades socioeconômicas que levam a tensões sociais.

Transformações como essas criam um cenário no qual a subjetividade individual exige um esforço permanente de adaptação que pode ou não ser bem-sucedida. A massificação e o crescente anonimato nas cidades acabam levando a um sentimento de alienação que afeta a maneira como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com os outros. Em um ambiente em que o espaço pessoal diminui e a competição por recursos se intensifica,

surtem ameaças à identidade e à autonomia, aumentando a ansiedade e a sensação de impotência.

Um papel especial é desempenhado pela “revolução” da mídia de massa que coloca o indivíduo no epicentro das notícias em tempo real. O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2021) argumenta:

... o planeta é atravessado em todas as direções por “autoestradas da informação”, nada do que acontece em qualquer lugar pode, pelo menos potencialmente, permanecer em um “exterior” intelectual. Não há ‘terra nula’, não há zonas em branco no mapa mental... O sofrimento humano de lugares distantes e modos de vida remotos, bem como o desperdício de outros lugares e modos de vida remotos, entram em nossas casas por meio de imagens eletrônicas de forma tão vívida e apavorante, tão vergonhosa ou humilhante, quanto a miséria e a ostentação dos seres humanos que encontramos perto de casa durante nossas caminhadas diárias pelas ruas da cidade (p. 19).

A avalanche constante de informações e o fluxo contínuo de notícias podem sobrecarregar as pessoas, dificultando a assimilação, o processamento e a compreensão desses dados. Isso geralmente resulta em sentimentos de sobrecarga, pressão e desamparo, levando até mesmo à “influxação” (Cornella, A., 1996, em HP.com, 2022), que resulta em distúrbios do sono, irritabilidade, ansiedade e depressão, levando alguns indivíduos a optar por se desconectar e evitar o consumo de notícias.

Juntamente com os fatores descritos acima, é inegável que a supermodernidade trouxe extraordinárias descobertas científicas, invenções e inovações tecnológicas que melhoraram a qualidade de vida das pessoas e possibilitaram a realização de tarefas domésticas e profissionais com mais eficiência. É o caso dos avanços em energias renováveis, inteligência artificial, novas formas de comunicação e colaboração (videochamadas, trabalho e educação a distância), etc.

Por sua vez, os avanços na medicina e em campos relacionados contribuíram para melhorar, prolongar e salvar a vida de milhões de seres humanos em todo o mundo. O que era excepcional há algumas décadas agora é prática rotineira, por exemplo, cirurgia laparoscópica, triagem e intervenção para problemas de saúde congênitos, congelamento de óvulos, fertilização *in vitro* etc.

Alguns desenvolvimentos, no entanto, incorporam impactos potencialmente desconcertantes sobre a subjetividade, apresentando um risco de confusão e desorientação. Dois exemplos: Pesquisadores da Universidade de Cambridge e da Caltech, liderados pela Dra. Magdalena Zernicka-Goetz, conseguiram desenvolver embriões humanos sintéticos usando células-tronco até um estágio um pouco além do equivalente a 14 dias de desenvolvimento de um embrião natural, dispensando a necessidade de um útero, óvulos e esperma. Essa conquista, inicialmente demonstrada com embriões de camundongos e depois com humanos, de acordo com a equipe responsável, promete aprofundar a compreensão dos distúrbios genéticos e das causas de abortos espontâneos (Perez, 2023; Oldak et al., 2023).

Outro exemplo é o que hoje é conhecido como metaverso, um espaço virtual compartilhado, interativo e imersivo, uma alternativa à realidade tangível. Nesse ambiente, empresas como a Meta estão desenvolvendo avatares fotorrealistas que imitam a aparência, os gestos e a personalidade do sujeito com tanta precisão que chegam a ser indistinguíveis da presença real. O que não tem precedentes é que uma das possíveis aplicações dessas tecnologias tem como objetivo imortalizar pessoas falecidas. É o avatar post-mortem, que permite que os entes queridos “permaneçam próximos” dos falecidos, oferecendo-lhes conforto. Esse recurso, em sua imitação quase perfeita da realidade, borra os limites entre o real e o virtual, redefinindo a experiência do luto e da lembrança. Essa invenção deixa a impressão de cruzar a linha, pois, ao mesmo tempo em que mantém a ilusão da presença daquele que não está mais lá, evita o fechamento e o trabalho natural dos diferentes estágios do luto e a noção tradicional de memória na construção da subjetividade. O rito de despedida, tão importante para o ser humano de qualquer cultura, é relativizado e a tarefa de descatequizar o objeto ausente e redirecionar a libido para outro objeto de amor fica de certa forma suspensa.

Os avanços tecnológicos e científicos mencionados acima, bem como sua inegável utilidade, nos colocam, sem que tenhamos plena consciência disso, em uma situação de vulnerabilidade e instabilidade. Embora muitos conteúdos culturais (música, dança, lendas, comida etc.) sobrevivam e sejam praticados com entusiasmo, especialmente aqueles relacionados a festas tradicionais e de santos padroeiros, produtos culturais recentes perdem seu significado e/ou utilidade em um curto período de tempo. Por outro lado, muitos conhecimentos que eram considerados sólidos e bem conhecidos já não o são mais; eles se transformam, tornam-se obsoletos ou desaparecem. O antigo é substituído pelo novo tão rapidamente que apenas uma pequena parte da população consegue se adaptar. Nada parece seguro, estável ou imperecível. Isso é o que Bauman (2021) chama de sociedade líquida. O mercado de trabalho atual se distingue por sua flexibilidade. A economia gig impulsiona sistemas como o trabalho remoto, que exige menos contratos fixos. Isso reduz a segurança no emprego e os benefícios sociais, causando incerteza e instabilidade para os trabalhadores. As relações de trabalho anteriormente estáveis e previsíveis se tornaram fluidas e sujeitas a mudanças constantes, evidência de uma sociedade em que as estruturas sociais tradicionais estão se desintegrando rapidamente diante do progresso tecnológico.

Um dos resultados desses fenômenos é o surgimento do que Augé (2000) chamou de “não-lugares”, espaços que podem ser físicos, virtuais ou emocionais e que se caracterizam pela falta de identidade cultural, relacionamentos e história definidos. Os “não-lugares” são marcados pelo anonimato, por uma sensação de desenraizamento e despersonalização. Nesses espaços, o sujeito é transitório, sempre chegando ou partindo. Quando se trata de espaços físicos, eles são praticamente idênticos em todo o mundo, pois são projetados para serem funcionais, como aeroportos, supermercados ou salas de espera.

As redes sociais são o paradigma contemporâneo dos não-lugares: um bate-papo automatizado, a voz gravada em uma central de atendimento ou a rolagem eterna do feed de notícias. Augé (2009) aborda a experiência da solidão e o paradoxo da não comunicação na era das telecomunicações. Nós nos relacionamos uns com os outros, mas não nos unimos. Somos semelhantes, mas não íntimos. Os “não-lugares” (mesmo os virtuais) estão cheios de pôsteres, textos, sinais e marcas que se dirigem a milhões de consumidores sem se dirigir a ninguém em particular. O diálogo é com textos ou com máquinas. O que dá sentido à vida cotidiana (presença, voz, palavras, nomes) está ausente ou massificado. Há uma identidade compartilhada embaçada que, além disso, é precária e temporária. As individualidades são diluídas e as histórias pessoais tornam-se efêmeras. O que é vivido, feito ou dito não deixa registro, é logo esquecido porque é passado em condições rotineiras e automáticas.

Hoje, os “não-lugares” se tornaram emblemáticos de uma cultura que prioriza a eficiência. Eles são muito diferentes dos “lugares antropológicos”, como a praça de um vilarejo, um mercado local, a mercearia do bairro, a costureira do bairro, o sapateiro ou o tradicional café de rua, carregados de identidade, relacionamentos e história e cheios de significado, e que o indivíduo incorpora à sua memória e identidade. Sem história, a subjetividade é afetada na medida em que dificulta o habitar, que é uma necessidade primordial do ser humano.

Se a subjetividade é construída por meio de vínculos e relacionamentos significativos e se ela é nutrida pelo ambiente, o que acontece quando o sujeito se encontra regularmente em espaços que desafiam ou limitam as conexões essenciais? Como a estrutura psíquica do indivíduo se adapta a um mundo em rápida mudança?

Uma sociedade saudável é aquela que possibilita que a vida de uma pessoa ligada a outras tenha um propósito e um lugar a partir do qual ela possa contribuir para a vida coletiva, ao mesmo tempo em que é nutrida pela troca em grupo. Nessa interação, a pessoa tece uma rede social que a sustenta e a contém (Berger, & Luckmann, 1968).

A velocidade da vida no século XXI prejudica a capacidade de formar conexões reais, levando as pessoas a usarem novas formas de encontrar amigos e experiências românticas, por exemplo, por meio de aplicativos e sites especializados. Essas dinâmicas interpessoais acentuam a probabilidade de resultar em vínculos precários, um terreno fértil para experiências de depressão e ansiedade. Por outro lado, a onipresença da mídia e da publicidade distorce valores e desejos, impulsionando um consumo insaciável de bens efêmeros que, paradoxalmente, poucos podem realmente adquirir. A imersão no mundo virtual leva ao isolamento e à falta de intimidade.

Pode-se pensar que hoje em dia o exercício da constância e do apego ao objeto está se enfraquecendo porque tudo é substituível, não apenas os bens de consumo, mas também os espaços de interação, a cidade de residência,



o bairro, a casa, as escolas, as universidades, a religião, o partido político, os clubes, as instituições, os locais de trabalho, os amigos e os parceiros. Tudo parece precário, e a identidade, difusa e inconsistente. A pressão para se encaixar na sociedade globalizada levou a uma crise de identidade, na qual os indivíduos lutam para encontrar um senso autêntico de pertencimento em meio à homogeneização cultural.

### **Conclusões**

Tendo como pano de fundo a supermodernidade e as profundas transformações sociais, exploramos a complexidade e a evolução da subjetividade humana no contexto de mundo contemporâneo marcado pela aceleração tecnológica, mudanças socioeconômicas e os paradoxos da interconexão global. Vimos como a subjetividade, concebida como a essência interior, pessoal e distintiva do eu, é construída e reconfigurada por meio de interações significativas e assimilação cultural em um ambiente em transformação. A supermodernidade, caracterizada por hiper-realidade, simulacros e um paradoxo entre a globalização e a recuperação de identidades locais, apresenta desafios únicos para a construção da subjetividade, ameaçada pelo declínio dos vínculos presenciais e pela prevalência de espaços físicos e virtuais despersonalizados.

Entretanto, é fundamental reconhecer a resiliência e a criatividade humanas inatas diante desses desafios. A dificuldade de estabelecer conexões profundas por meio de interações cada vez mais transitórias mediadas pela tecnologia não ofusca a capacidade humana de se adaptar e reinventar formas gratificantes de inter-relacionamento. A adaptação a um mundo em constante mudança exige uma capacidade de reinvenção do sujeito que não perca de vista a essência da humanidade: a capacidade de estabelecer vínculos autênticos que dão sentido à nossa existência. Assim, a busca de um equilíbrio entre a adaptação às inovações da supermodernidade e a preservação da riqueza da subjetividade humana apresenta-se como um desafio fundamental para o indivíduo e para a sociedade como um todo.

#### Referências

- AEAPG (2006) Mesa redonda: Subjetivação: um objetivo terapêutico da psicanálise? Associação Escola Argentina de Psicoterapia para Graduados. <https://www.elpsic analisis.org.ar/old/numero5/mesaredonda5.htm>
- Augé, M. (2000). Os não-lugares. Espaços de anonimato. An anthropology of overmodernity. Editora Gedisa.
- Augé, M. (2009). Sobremodernidad. Do mundo de hoje ao mundo de amanhã. <https://asodea.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/09/auge-marc-sobremodernidad.pdf>.
- Augé, M. e Hopenhayn, S. (2018) Las ilusiones de la Sobremodernidad. <https://www.teseopress.com/tiempo/chapter/las-ilusiones-de-la-sobremodernidad/>
- Bauman, Z. (2021). Tempos líquidos: Vivendo em uma era de incertezas. Espasa Libros.
- Berger, P. L., Luckmann, T., & Zuleta, S. (1968). The social construction of reality (Vol. 975). Amorrortu.
- Bernard, M. (1997). Introdução à leitura da obra de Käs. Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo.
- Baudrillard, Jean (1990). The transparency of evil. Ensaio sobre fenômenos extremos. Editora Anagrama.
- Cuellar, K. C. (1996). Resenha de "Antropología de la sobremodernidad", de Marc Augé. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, 2(3), 171-172.
- HP.com (01 de agosto de 2022) O que é infoxicação? Ferramentas para sua prevenção. <https://www.hp.com/pe-es/shop/tech-takes/infocacion-digital-herramientas-de-prevencion>
- Maruottolo, C (2013) A subjetividade como um terceiro tópico psicanalítico. Conceitos de sua metapsicologia e clínica. Saúde mental do norte, 2013, vol. XI, no. 47: 16-26.
- Maruottolo Sardella, C. (2016). Para além do princípio de realidade. Subjetividade e psicanálise de terceira geração. Aberturas psicanalíticas. International Journal of Psychoanalysis, 52. <https://www.aperturas.org/articulo.php?articulo=0000927>
- Oldak, B., Wildschutz, E., Bondarenko, V., Comar, M. Y., Zhao, C., Aguilera-Castrejon, A., ... & Hanna, J. H. (2023). Modelos completos de embriões humanos pós-implantação no 14º dia a partir de células ES ingênuas. Nature, 622(7983), 562-573.
- Pérez, P. (6 de setiembre de 2023). Presentan el modelo completo de embrión sintético humano creado en un laboratorio. El Mundo España. <https://www.elmundo.es/ciencia-y-salud/salud/2023/09/06/64f8acac21efa0fb108b45a1.html>
- Zurita, M. E. (2017). La habitabilidad y la transdisciplinariedad. Revistarquis, 6(2). <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31600310>